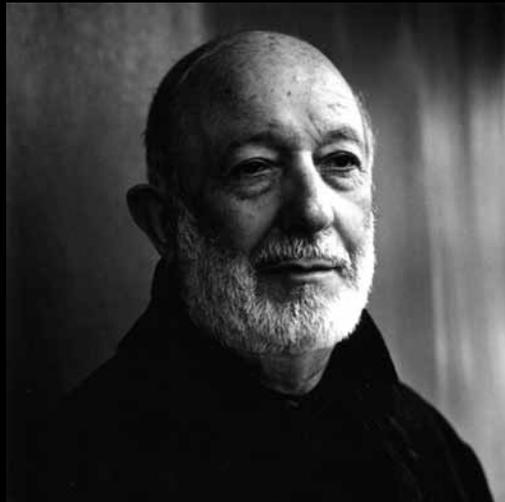


GEORGES
DUSSAUD





A inauguração do Centro de Fotografia Georges Dussaud, integrado no Centro Cultural Paulo Quintela, feita no dia 25 de Abril de 2013, teve a particularidade de integrar o programa oficial das comemorações, conferindo-lhes um especial significado, o de registar que as principais transformações sociais e económicas estão associadas à mudança cultural e, neste dia, celebramos a ideia conquistada de construção de um novo paradigma para o país. A inauguração foi antecedida, em sessão solene, da assinatura de protocolo de doação de coleção de fotografias intitulada "Crónicas Portuguesas", acervo cultural de primeira grandeza, dando expressão a mais um espaço cultural do já relevante roteiro cultural de Bragança. Tratou-se de iniciar um projeto que se pretende venha a ganhar identidade e dimensão regional como Centro privilegiado de recolha e de exposição de imagem, fotografia, vídeo, postais ou outras formas afins de registo da realidade vista da História de Trás-os-Montes, acolhendo material e equipamentos ligados ao processo histórico de evolução da fotografia, trabalhos de fotógrafos reconhecidos de varias latitudes, divulgando e sensibilizando os mais jovens, considerando a arte da fotografia como fonte de estudo das realidades sociais, políticas e económicas, e de compreensão dos desafios da Humanidade. Trata-se pois, não só, de um espaço de memória, mas sobretudo, educativo, dirigido prioritariamente aos jovens em idade escolar.

Pretende-se que o Centro adquira identidade, pelo que o trabalho só agora começou. É preciso continuar a desenvolver a coleção, tendo por base a obra de Georges Dussaud, fotógrafo francês, humanista e amigo de Portugal que, durante parte significativa de uma vida passada em vários países, dedicada a conhecer e divulgar realidades sociais, registou momentos significativos, apresentados em várias exposições que evidenciam a grandeza e sentido do trabalho feito, estando a sua obra representada em diversas coleções institucionais e de referência como o Arquivo Fotográfico de Lisboa, o Centro Português de Fotografia, o Centro Georges Pompidou ou a Biblioteca Nacional de Paris, entre outras, assim como descrita em vários livros e catálogos.

Georges Dussaud fez a sua primeira exposição em Portugal, em Bragança, no ano de 1987. Aqui voltou a expor, no dia 10 de Junho de 2004, aquando das Comemorações Nacionais do Dia de Portugal, de Camões e das Comunidades Portuguesas, em que pela primeira vez contactei com Georges Dussaud e Cristine, contacto agradável, tendo escrito o texto de introdução ao catalogo da exposição e agora, quase uma década depois, tenho o privilegio de o voltar a fazer, já em circunstâncias mais relevantes para Bragança, visto tratar-se do lançamento das bases de um novo espaço cultural, o registo para a posteridade de uma ideia, a de preservar memórias de um passado recente e o de criar bases estruturadas

para que as próximas gerações acolham e beneficiem do legado dos que dedicam o melhor do seu saber ao bem-comum e que, no presente, ajudam a construir um futuro melhor, sabendo que a cultura é o fermento necessário para o progresso da humanidade, em todos os tempos, particularmente naqueles em que muitas coisas do dia-a-dia parecem desprovidas de valores.

Georges Dussaud apreendeu e registou durante muitos anos a cultura e identidade transmontana, convivendo com alguns dos maiores vultos da cultura transmontana, com uma realidade dura de um povo isolado na ruralidade agreste da montanha e entregue a si próprio, povo que nunca perdeu a esperança e, numa relação de harmonia com a natureza, depositou a certeza de uma vida de felicidade, de um futuro melhor, que sempre tardou em chegar, que frequentemente teve de tentar encontrar em terras desconhecidas, vencendo a adversidade, lutando contra um processo de forte declínio, acelerado por políticas contraditórias do País e da Europa que, pretendendo, por um lado, salvaguardar a biodiversidade, essencial à Humanidade, por outro, promoviam a pobreza e o abandono das zonas de montanha, quebrando uma relação de equilíbrio necessário do Homem nestes espaços vitais à sustentabilidade do Planeta.

Para Trás-os-Montes esta iniciativa é uma oportunidade de olhar para um passado recente e tentar compreender e fazer reverter a extinção, em silêncio, do mundo rural, em consequência da desvalorização social e económica das atividades agrícolas e florestais em territórios de baixa densidade populacional e de atividades de baixo rendimento económico, mas essenciais à preservação dos bens culturais identitários e da biodiversidade.

A coleção base da exposição identifica um olhar a preto e branco, obtido em comunhão de espírito e de respeito pelos sentimentos mais nobres da comunidade rural transmontana, um relato da dureza das suas atividades, das condições precárias em que se vivia, também, das suas alegrias e rituais, nos seus rostos e olhares retratada a esperança num futuro melhor. Felizmente que, nos últimos anos, nem tudo tem sido negativo, pelo contrário, há indicadores positivos relativos à educação, à saúde, às infraestruturas que nos permitem compreender ser possível, nestas terras do Interior, viver vidas felizes, com dignidade, manter e construir comunidades com identidade muito forte, alicerçadas na cultura e vivências das gerações passadas que nos legaram uma cultura e um território únicos.

António Jorge Nunes
PRESIDENTE DA CÂMARA MUNICIPAL DE BRAGANÇA



Coimbra, 30 de Março de 1981 — A Árvore dos Tamancos, um filme italiano que podia e deveria ser rodado em Portugal. Também entre nós existem ainda mundos rurais miraculosamente intactos, à espera de uma objetiva que os perpetue antes que desapareçam de vez na voragem do progresso. Mundos de humanidade, de imaginação, de pobreza, de injustiça e de lirismo, que mais tarde será preciso reconstituir para se saber que os houve, e que agora bastaria retratar escrupulosamente, sem retoques, como fez o realizador transalpino. Cingir-se à realidade e mostrá-la ao natural, palpitante, viva, cada personagem a ser, em vez de se representar. Mas quem nesta terra lusitana tem olhos virginais para ver o virginal? Aqui, apenas os poetas são capazes dessa pureza. Só eles atentam pulcramente na nossa fisionomia individual e coletiva. Mas fazem-no metaforicamente, por sínteses desgarradas que, sendo relâmpagos de claridade, quase sempre deslumbram mais do que iluminam.

MIGUEL TORGA. DIÁRIO XIII. IN DIÁRIO (VOLS. IX A XVI). PUBLICAÇÕES DOM QUIXOTE, PORTO, 1999. PP. 1437/1438

GEORGES DUSSAUD

JORGE DA COSTA

O negro e a luz são a matéria com que Georges Dussaud (1934, Brou, França) descortina, como um poema visual, a cartografia de um universo visceralmente telúrico, ainda que aparentemente antigo e agreste.

O nomadismo que vem caracterizando, desde finais da década de 1970, a sua vida como fotógrafo do mundo, integrando-o no consagrado grupo de estrangeiros que desenvolveram o seu trabalho sobre e no nosso país, tem em Trás-os-Montes território de eleição.

Da sua ampla narrativa de imagens, que convocam simultaneamente as suas vivências, sobressaem histórias de vida, povoadas de homens, mulheres e crianças, mas também de lugares, de olhares, de gestos, de instantes irrepetíveis que congela a cada rigoroso disparo da máquina fotográfica.

A presente exposição resulta de uma seleção de 92 fotografias (das cerca de centena e meia que o artista doou à CMB) e propõe, sala a sala, um percurso demarcado por temáticas precisas. Mas é o olhar atento e aplacado de Dussaud que irrompe, discreto, e nos dá a ver a intimidade da casa e dos que nela moram, mesmo que obscurecidos pela tênue luz que chega de fora. É Dussaud que nos conduz à dureza do pastoreio e à severidade dos invernos nevados, ao olhar de Torga sobre a aspereza dos trabalhos no Douro vinhateiro, mas também à alegria das festas e dos rituais.

Ainda que lhe caiba esta assunção de valor documental e antropológico, é a qualidade artística das imagens que sobressai, seja no olhar envergonhado e curioso das crianças em tempo de escola, na penumbra do forno com cheiro a pão quente, na luminosidade das segadas estivais ou no outonal trabalho da terra.

Em 1981, no seu diário, Miguel Torga referia-se justamente à necessidade de perpetuar, pela imagem, estes universos rurais “*miraculosamente intactos*”, que parecem subsistir “*à espera de uma objetiva que os perpetue antes que desapareçam de vez na voragem do progresso*”, questionando ainda, na firme dúvida, “*quem nesta terra lusitana tem olhos virginais para ver o virginal?*”, de os mostrar na sua autenticidade, “*ao natural*”. A resposta veio realmente de fora, foi-lhe dada por Georges Dussaud.



CRÓNICAS PORTUGESAS

CHRISTINE DUSSAUD

7

Regresso a Portugal, no Norte do Norte (como diria o nosso amigo escultor António), quer dizer, a Trás-os-Montes. Esta palavra que me fascina e que faz todo o sentido: para lá das montanhas, no tu além, um outro mundo.

A nossa história com Portugal começou realmente aqui, numa primeira viagem ao Alentejo, com os nossos três filhos. No caminho de regresso, ao passar por Trás-os-Montes, ficamos profundamente impressionados com a arquitetura maciça das casas de pedra. Em Ponteira, as casas pareciam surgir de um mundo mineral, caótico e arcaico. Foi assim que, no verão seguinte, fomos até Negrões, aldeia minúscula situada nas margens do lago de Pisões. Qualquer coisa de indefinível emanava desta aldeia. Corria água dos dois lados da rua principal, água límpida, nas valas de granito. Ao pé do forno do pão, construído como uma capela, com uma chave de abóbada, encontramos José, um jovem, a quem perguntamos se conseguiríamos arranjar hospedagem na aldeia.

Foi assim que conhecemos a mulher que se tornou a nossa avó de Portugal, que nos ligaria para sempre ao seu país. Tinha um lindo nome, Deolinda, quer dizer, Bela de Deus. Emprestou-nos uma casinha, junto ao lago, muito modesta, sem aquecimento, nem sequer uma chaminé. Os invernos eram particularmente duros, mas isso não tinha importância, vínhamos para conhecer gente, viver com eles e testemunhar um modo de vida muito diferente do nosso, um modo de vida comunitária.

Esta gente hospitaleira e fraternal abriu-nos as portas das suas casas. Era um compromisso a longo prazo, uma descoberta, uma aventura humana que nos levou muito longe. Vivíamos ao ritmo lento dos carros de bois de rodas medievais, que chiavam compondo um lamento. Conhecemos aldeias rústicas com alegres debulhas. Calcorreando as terras trasmontanas durante vinte e cinco anos - intermitentemente -, as recordações atropelam-se. Podem parecer apenas pormenores, mas não é a vida feita de pequenas coisas?

No forno de pão de Negrões, reunia-se a aldeia inteira, para cozer o pão, para se aquecer e descansar, discutindo. Esses momentos contam-se entre os melhores da vida, com o delicioso cheiro do pão. Lembro-me de um serão de chuva torrencial, em que estava toda a gente reunida no forno do pão, depois de uma acalorada discussão entre dois homens por causa de uns sacos de cimento roubados. A certa altura, chegam dois acordeonistas e começa então o desafio entre os dois homens, cada um com mais graça que o outro, acompanhado de gritos de aprovação e risos.

Acaba tudo a dançar ao som do acordeão e da chuva a martelar no telhado do forno de pão. Dançámos num corpo-a-corpo viril de Negrões. Faz-se uma catársis sem se conhecer a palavra e resolvem-se os problemas da maneira mais simples.

Deolinda acompanhava-nos de vez em quando nas nossas andanças. Tinha ouvido falar de Pitões das Júnias, sem nunca lá ter ido. Levámo-la a conhecer a aldeia, que fica a uns trinta quilómetros da dela. Com grande surpresa, acha a aldeia muito suja, comparada com Negrões, o que a faz rir às gargalhadas.

Reage como uma miúda à borda da água, saltando de pedra em pedra para atravessar a corrente. Foi um momento de pura felicidade.

Um dia, na semana santa, saímos as duas de casa, quando o sino começou a tocar. A Deolinda ajoelhou-se na rua e fez o sinal da cruz, convidando-me a fazer a mesma coisa. Explica-me: é o anjo que vai a passar e eu quis acreditar. Nem sempre se deve tentar compreender...

Espero, agora, que ela tenha ido ter com o anjo.

Nas nossas peregrinações (como diria José Saramago), inevitavelmente encontrávamos o incontornável Padre António Fontes. Apaixonado pela etnologia, pela geologia, pelas medicinas alternativas e pelo património regional, ajudou-nos a descobrir e a compreender melhor as especificidades da sua região.

Acompanhámos a preparação das festas da Paixão de Cristo em Bustelo, porque ele tentava manter a tradição da peça de teatro popular.

O papel de Cristo era representado pelo professor primário, o de Maria por uma jovem da aldeia.

No último ensaio, o Cristo estava de t-shirt e Maria de calças de ganga. No dia da Paixão, à passagem do Cristo, os habitantes da aldeia ajoelham-se e muitas mulheres choram. Vivem intensamente esta Paixão. Nesse dia, a miúda que interpreta o papel de anjo está com febre e parece um anjo quase perverso. Não é lá muito fácil ser anjo...

À força de nos perdermos na natureza com o Padre António, fomos cair na rodagem do filme *Cinco dias, cinco noites* de José Fonseca e Costa (1995). Esquecemos a noção do tempo quando, de repente, o Padre António exclama: «Mas eu tinha um enterro!». Nunca nos atrevemos a perguntar como acabou a história.

Por nada neste mundo perderíamos os famosos combates de touros — a chega de bois — de raça Barrosã. Estes combates, únicos na Europa, opõem dois magníficos touros, que pesam pelo menos uma tonelada. Defrontam-se apenas para demonstrar a sua força, basta fazer com que o adversário recue para ganhar.

Em Morgade, em 1981, assistimos a um combate que tinha lugar em pleno campo, com grandes deslocações da multidão, cada vez que os touros investiam. O combate tinha sido muito rápido, mas como os proprietários dos touros não chegaram

a acordo sobre quem era o vencedor, seguiu-se uma confrontação violenta entre os homens, que durou mais tempo do que a luta entre os touros.

Quando já nem sequer a esperávamos, a neve surpreendeu-nos em Vilarinho Seco. Tanto que a tínhamos aguardado. Percorremos a aldeia, que ficou rapidamente submersa num cobertor branco.

As crianças saíram da escola, encantadas com esta primeira neve de inverno, e nós sentíamos a mesma alegria da infância. Vivíamos dentro de um quadro de Bruegel. A montanha, metamorfoseada, ofereceu-nos um espetáculo maravilhoso. Num caminhozinho, um pastor, abrigado no seu capote de feltro, conduzia o lento rebanho de carneiros de sons aveludados, as marcas da sua passagem imediatamente apagadas, recompondo o branco imaculado.

Duas miúdas, de capa castanha, pararam para nos olhar fixamente com grandes olhos nublados pelos grandes flocos de neve oblíquos. Imagem capturada.

Não podemos interessarmos verdadeiramente por um país sem passar pela sua literatura.

Descobrimos os textos de Miguel Torga, tão fortes como a sua imagem. Os seus livros marcaram-nos muito: *Portugal, Bichos, Rua, O Diário* (de franqueza interior), *A Criação do Mundo e Os Contos da Montanha*. Reconhecíamos as suas personagens nas pessoas que encontrávamos.

Como n'*Os Contos da Montanha*, compreendemos que, apesar da grande solidariedade que existe, há princípios que se sobrepõem à lei, uma lei intransigente que pode chegar a matar um vizinho por um problema de irrigação.

Esta terra, por vezes dura como pedra, talha os homens à sua imagem e semelhança.

A primeira vez que encontramos Miguel Torga, em casa dele, em Coimbra, recebeu-nos com a mulher, Andréa. Sentíamo-nos um bocado intimidados por estar a conversar com este escritor que representou a consciência de Portugal.

Leu-nos uma parte do seu livro *Portugal*, que começa com a frase «Vou falar-vos de um reino maravilhoso».

Voltamos a encontrá-lo depois, nomeadamente com a sua admirável tradutora Claire Cayron na casa natal de São Martinho da Anta. Mal lá chegava, toda a gente sabia que ele tinha regressado; a notícia corria de boca em boca de forma maravilhosa — ele era médico otorrino. Começava então uma longa série de consultas gratuitas.

Esse grande homem, íntegro, sem compromissos, publicava os livros à sua custa, como um homem livre, o que não evitou que fosse preso e os livros destruídos.

Juntos, percorremos os Campos floridos e perfumados na primavera, com giestas brancas e amarelas, e estevas brancas. Tinha feito questão de nos mostrar, junto ao Douro de cepas e de rochas, São Leonardo de Galafura, que evoca no texto «À

proa de um navio de Pedra». Depois o sítio arqueológico de Panóias que, nessa altura ainda não estava fechado com grades, mas entregue à natureza. Não tenho dúvidas que ele ficaria escandalizado ao ver no que se tornou.

Em Padornelos, conseguimos entrar, graças ao nosso amigo António, na antiga casa do escritor Ferreira de Castro, muito conhecido pelo livro *“Terra Fria”*. Revejo a Maria Augusta, sentada ao meu lado, numa enorme lareira, pegando nas minhas mãos geladas para as aquecer entre as suas.

Por iniciativa do professor José Monteiro, da escola normal de Bragança, Georges foi convidado a expor na altura da visita do Presidente da República Mário Soares. Este convite iria dar lugar a uma indefectível amizade.

Tínhamos conversas de grande interesse com José, que tinha uma paixão pela antropologia, percorrendo Rio d’Onor, Varge, Ousilhão. As nossas discussões eram sempre embaladas com o seu maravilhoso sentido de humor, não podíamos ter encontrado uma companhia mais agradável.

Passámos momentos inesquecíveis com a mulher dele, Gabriela, e os três filhos. Essa família de gente culta, apaixonada pela linguística, música e cinema, proporcionou-nos a ocasião de belíssimos intercâmbios. Uma maneira de pôr em prática a Europa, à margem da administração.

E depois o encontro, também em Bragança, da grande pintora transmontana Graça Morais, cuja obra, profundamente inspirada nesta região, muito admiramos.

[...]

No Douro, vivemos com a família Almeida da Quinta das Bateiras. A Maria da Conceição foi a nossa guia incansável. A circunstância de nos acompanhar permitia-lhe rever proprietários de quintas de vinho de Porto que não tinha tido tempo de visitar. Graças à sua presença, éramos acolhidos de braços abertos. O encontro com o Senhor José António Rosas (Ramos Pinto) da Quinta do Bom Retiro foi inesquecível. Era um homem encantador, de uma extrema gentileza com os mais humildes; era sobretudo um poeta e um aristocrata da vinha, ensinando-nos a respirar as flores de delicado perfume.

Com ele ficámos extasiados diante de um campo coberto de papoulas e de oliveiras, o verde amêndoa das oliveiras e o vermelho das papoulas, compondo uma paleta contrastada.

As paisagens do Douro são de uma beleza de cortar a respiração. Como pôde o homem ser capaz de desenhar a riscos de lápis, todo este universo em xisto? Estes socalcos, perfeitamente construídos são verdadeiras obras de arte. Prestamos homenagem à coragem destes homens, ao admirar estas paisagens.

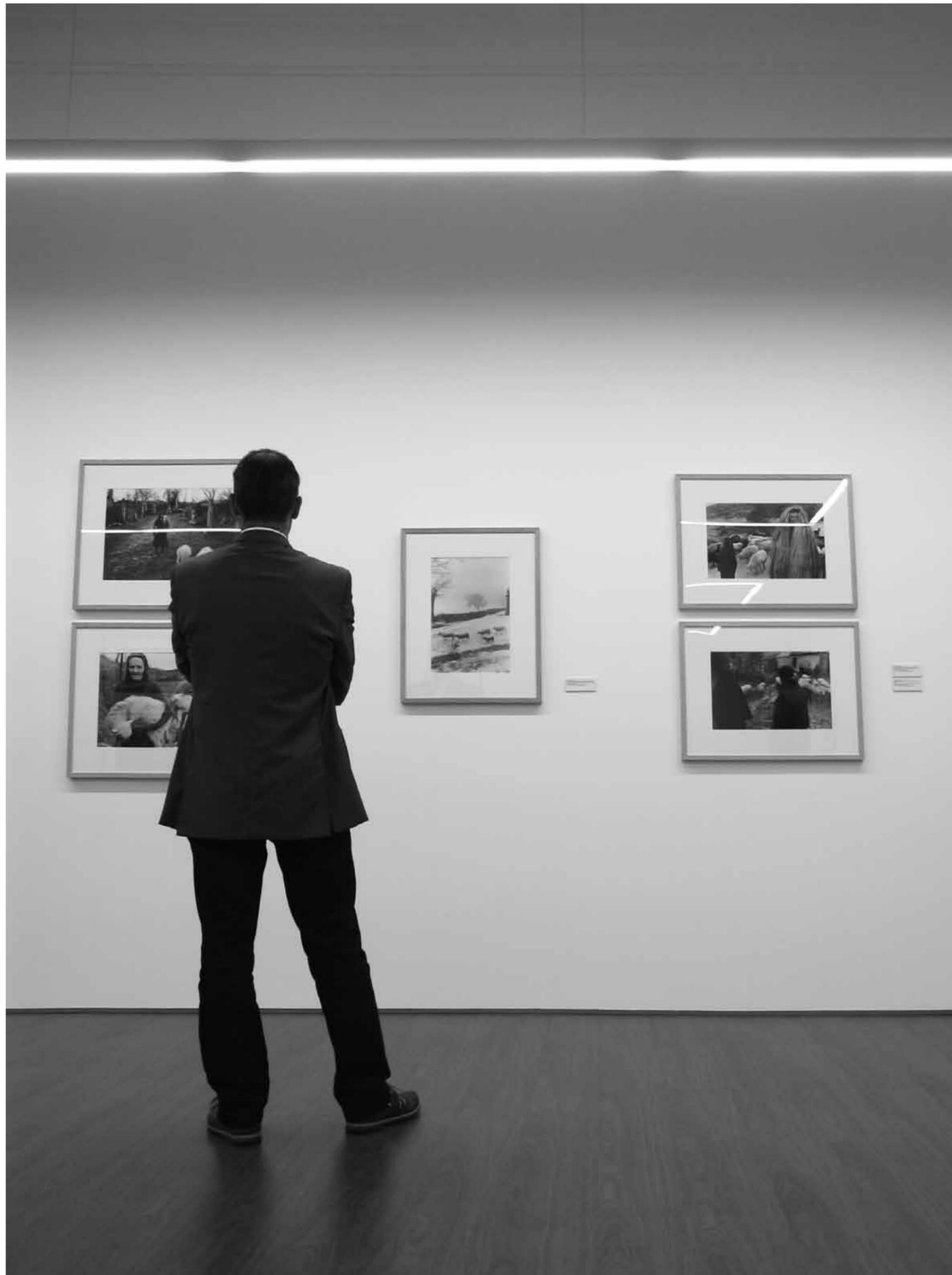
Suzanne Chantal contou a história desta magnífica região no seu livro *Ervamoira*. Lembro-me do filme *Douro, o rio de Douro* de Paulo Rocha, tremendamente impressionante, sobretudo numa cena em que uma mulher é amarrada a uma cadeira, barrada com mel, e largada às abelhas...

[...]

Na floresta dos dias, algumas recordações ficam escondidas, mas sei que «as recordações esquecidas não estão perdidas» (Freud).

Acompanhei e não me limitei a seguir — o meu marido fotógrafo, partilhei todos esses belos encontros que se fazem em viagem e fiquei maravilhada com a beleza desta «faixa de terra orlada de mar» (Miguel Torga). Sabemos que esta história não terá fim.

Escrito num campo de Cambezes do Rio em Trás-os-Montes, na Primavera. Abril 2007



O ESPELHO FRATERO ¹

M. TEREZA SIZA

13

Foi o acaso que trouxe Georges Dussaud a Portugal em 1980; foi também por acaso que a viagem de regresso do Alentejo a França o fez cruzar as estradas de Trás-os-Montes. Mas nenhum acaso explicará a sua fixação num mundo ao qual regressa uma e outra vez, desde então, vinte e sete anos de viagens, constituindo um impressionante corpo de trabalho. Não como fotógrafo de passagem, que regista o estranho, o diferente, talvez exótico, mas como um viajante que para e vive os lugares, o quotidiano das gentes, que o abrigam, que o reconhecem como amigo, porque sabem que o seu olhar é amigo: não há nunca intrusão, mas convivência, compreensão das emoções, na justa medida. Ao seu olhar fotográfico, que traduz o seu modo de olhar o mundo, de raiz profundamente humanista, aqui como noutros lugares distantes, — na Irlanda, em Cuba, na Índia, na Grécia — nada é estranho; imagens que por vezes temos dificuldade em situar no tempo, celebram os gestos do trabalho, duro, ancestral, limpo das versões romantizadas a que nos habituou alguma fotografia, as pausas, as festas, a expressão da religiosidade, os pequenos gestos que surpreende sem voyeurismo, a vida das crianças, por vezes na sua ingénuo e espontânea alegria, outras vezes quando delas emana uma tristeza de precoce amadurecimento. De construção aparentemente tão simples, as imagens ganham um complexo simbolismo que as torna referentes incontornáveis da realidade que representam.

Neste "realismo poético", na expressão de George Sadoul, a paisagem tem tanta importância como as gentes, ela confere-lhes sentido, enquadra a sua vida íntima ou pública, é o espaço da sua convivência, por onde o fotógrafo se passeia em busca de mistério ou de instantes privilegiados, na cidade como no campo. A representação da paisagem assume um registo poético, uma força de evocação servida por uma profunda sensibilidade formal, na utilização sábia do preto e branco, no rigor da composição. Esse desejo de compreender para representar melhor, leva Georges Dussaud a querer saber sempre mais, pela literatura, pelo cinema, pelas conversas com amigos. Quase uma dezena de livros sobre Portugal, desde "Trás-os-Montes" (1984), com textos de Miguel Torga, testemunham esta proximidade, em que o texto é uma visão complementar, mais do que um comentário às fotografias.

Assim vai construindo este enorme documento, direto mas ao mesmo tempo radicalmente subjetivo, tendo como objeto privilegiado esses personagens simples que, na aparente banalidade das suas vidas, dão corpo a sólidos valores de partilha, de solidariedade e, como centro da prática fotográfica, a postura ética de quem encara o seu trabalho como uma forma de convivência baseada na proximidade e no respeito.

¹. Expressão de Claude Roy, referindo-se à fotografia humanista.



**GEORGES DUSSAUD:
CONTADOR DE IMAGENS...**
JOSÉ RODRIGUES MONTEIRO

15

Outros, melhor do que eu, já o disseram. Falaram do valor documental e antropológico das suas imagens. Da sua arte. Da sua poesia. No “país onde o preto é cor”, Georges Dussaud encontra, “entre o preto e o branco, uma infinidade de cambiantes em que a luz se torna poesia” (João Luís Pereira, *Le Télégramme*, 93.05.22.). Falaram do seu talento que se reflecte na qualidade artística e estética das imagens que nos dá a ver. Falaram da sua serenidade e do seu humanismo. Falaram do seu universalismo e da sua universalidade. É assim que, a propósito do Trás-os-Montes que conta com imagens, há quem escreva palavras como estas: “O essencial está lá... Para além da representação folclórica deste rincão de terra, G. Dussaud visa, primordialmente, a universalidade. Atinge-a quando uma cena de pesca, num lago de Trás-os-Montes, evoca a atmosfera húmida das margens do rio Mékong. Quando o som de uma gaita de foles escocesa parece elevar-se de uma paisagem característica do Barroso” (Acácio Pereira, *Le Monde*, 92.07.02). Falaram do seu amor a Portugal e, em especial, a Trás-os-Montes. Dos amores a esta sua outra pátria e a esta sua outra mátria.

Quiseram os Dussaud’s — que a Christine, companheira dos trabalhos e dos dias e de todas as peregrinações, também é protagonista desta saga — que eu escrevesse um texto. Que desse testemunho. Pedido que só uma grande amizade, feita de momentos, de caminhos e de percursos inesquecíveis, pode explicar. Uma amizade “indefectível”, como a Christine a disse, num texto luminoso que é Prefácio de *Crónicas Portuguesas. Chroniques Portugaises* de Georges Dussaud (Assírio e Alvim, 2007), em que ela tão bem conta Portugal e os portugueses, com muito Trás-os-Montes à mistura.

No catálogo, *Trás-os-Montes. Georges Dussaud*, da exposição homónima, organizada pela C. M. de Bragança, para as *Comemorações* do 10 de Junho de 2004, que decorreram na cidade, Gérard Castello-Lopes, oficial do mesmo ofício, escreve: para lá do “talento fotográfico”, há que sublinhar a “sua posição moral relativamente aos temas que escolhe, seja a França, a Irlanda, Lisboa, Trás-os-Montes ou a Índia”. A que poderíamos acrescentar, entre outros: o Alentejo, os Açores, a Grécia, o Minho, o Porto (sobre esta cidade e os seus habitantes tem Dussaud um admirável livro pronto a ser editado) e, sobretudo, o Douro.... “Tenho por bom que toda a fotografia é, simultaneamente, o registo de uma certa realidade e um autorretrato do autor.... O seu olhar é único e constitui a sua própria interpretação do real... Toda a

fotografia é também uma ficção, se se aceitar que... é a interpretação pessoal de uma dada realidade como o romance, o teatro, o cinema, a poesia ou a pintura". E, depois, dizer, como alguém disse exemplarmente, "são as construções ficcionadas que nos trazem ao coração do real". É assim com as criações de Dussaud.

O olhar de Georges Dussaud poderia definir-se como o de um "antropólogo artista". E, a terminar, escreve Gérard: "nenhuma das fotografias aqui presentes se prende com qualquer forma de exotismo ou pitoresco local, nem com esse lado turístico e superficial que é apanágio de tantos fotógrafos... Há apenas um forma de amor, de entendimento e de convivalidade que me fez dizer ao Georges que *se os transmontanos soubessem fotografar, fotografariam como ele. Não encontrei, para o felicitar, maior elogio*".

A prosa vai viver agora, essencialmente, de um texto, que escrevi para o catálogo já referido, intitulado — "Georges Dussaud: 'imaginógrafo-viajante', contador de imagens..."

Ele é da família dos "imaginógrafos-viajantes". Fotógrafo é nome pouco para dar a estes caçadores e criadores de fascínio. Não chega para designar estes criadores-ficcionistas que interpretam a seu jeito a realidade. Melhor fora, por isso, chamar-lhes "imaginógrafos"...

Ele é da família dos grandes *vagamundos*... Duplamente apaixonado: pela viagem e pela fotografia. Mas é ele que, fazendo uso da sua sensibilidade, elege as gentes e os sítios por onde peregrinar. Tivemos sorte porque se apaixonou por Portugal e, muito especialmente, por estas nossas gentes e por estas nossas terras Gentes que são o fito das suas peregrinações. Que estão presentes nas fotografias. Mesmo que estejam ausentes. Nunca perde de vista, ainda que, por vezes, opere apenas como "paisagista", os homens e a condição humana. Pressentimo-los em todos os sítios, mesmo que estes estejam *desertados*.

Ele é irmão dos grandes poetas. Deixem-me pensar que se Alberto Caeiro fotografasse, fotografia, provavelmente, como Georges Dussaud... Ao misturar quotidiano e imaginário, profano e sagrado, realidade e magia, dá-nos "a espessura dos dias" e a matéria "translúcida" de que é feito o sonho. Dá-nos a ver, para além do que vemos, o "espírito" dos lugares e a alma das gentes. Feiticeiro e demiurgo, com a sensibilidade de Blimunda (a do *Memorial*...), a que vê através da pele, a que não enxerga apenas com os olhos. Conta com imagens, o que Blimunda contaria com palavras.

Ele próprio defende — e pratica — que o melhor remédio é a beleza. Que está presente nas suas composições. Disseram-no, justamente, um "esteta da sensibilidade, um poeta da emoção íntima..." (Catherine Goffaux). Mas, como em outros grandes fotógrafos, sobressaem preocupações de natureza informativa e social.

TRÁS-OS-MONTES...

O conhecimento que Georges Dussaud tem de Trás os Montes e da sociedade rural transmontana — que ele salva em imagens —, permite-nos partilhar os gestos mais humildes e sublimes dos quotidianos destas gentes. Não se esconde o sublime, muitas vezes, no mais humilde quotidiano?

Nas suas criações estão esses homens e essas mulheres que sopram forças e que forjaram, a golpes cansados, este Trás-os-Montes. São da mesma têmpera dos que levaram (e ainda levam) para longe este rincão, sem cuidarem de saber para onde iam. Apenas sabiam porque iam: tinham de deixar esta terra que lhes era "madrástia" (que não era pátria, nem mátria...)

Quem disse que ele agarrou, até às entranhas, o Trás-os-Montes de Torga, chamou-lhe "transmontano" nascido no estrangeiro (Rogério Rodrigues). Dos seus trabalhos resultaram estas imagens a preto e branco. Um preto e branco "que restitui toda a sugestão e toda a poesia rude destas aldeias perdidas para além das montanhas" (Lucia Simion).

Nas imagens que constrói, estão presentes essas mulheres, esses homens e essas crianças. Com os seus rostos e os seus corpos. Inteiros. Com as suas emoções e os seus sentimentos... Dores e alegrias. Com as suas posturas, os seus gestos e os seus ritos. Com os seus fazeres e lazeres. Com as suas lutas e rituais. Com os seus risos e as suas rezas. Com os objectos — arcaicos, mas eficazes... — da sua civilização material. Com as suas usanças e costumeiras. Em muitos ambientes e em muitas circunstâncias. Cenas carregadas de história. Que contam e reportam. Que documentam. Para memória futura. Aí está um Trás-os-Montes, que faz parte do nosso imaginário, feito de muitos trás-os-montes (uns mais afastados no tempo, outros mais próximos). Fica a estranha sensação de estarmos a entrar num mundo que ainda existe e que é já perdido. (Da sua morte, outros nascerão...) Um mundo mágico e sofrido, dormente e medievo. Assim... Ali há séculos. Os ritmos lentos e vagarosos. Os gestos mil e uma vezes repetidos. Os saberes infindos, herdados de nodosos avós.

Aí está um povo que, como alguém disse, sempre abriu caminhos nos matagais da vida. Homens e mulheres que não souberam o que era estar de pousio. Muitas as mínguas. E um pão de lágrimas.

Aí estão a paz modorrenta dos campos, o horizonte largo das serranias, o ondular repouso de centeais e trigais, os cheiros silvestres e os odores do pão e da terra húmida.

Aí está o encanto das paisagens construídas. As aldeias dormentes — mais velhas do que Nova Iorque —, com rostos que não enganam e, em muitos lugares, uma harmoniosa arquitectura (sem arquitectos).

Aí estão os trabalhos e os dias. Os homens, as crianças e os bichos... Desavenças, rixas e mortes — mais fruto de más vizinhanças do que de altivos e honrosos sentimentos ¹. E a apregoada hospitalidade que é resultado de uma estratégia de envolvimento, posta em prática pelas populações rurais: era a melhor maneira de conhecer e integrar os forasteiros.

Ficaram poucos moradores e sobraram alguns resquícios dessas práticas comunitárias, que estavam mais arreigadas, em tempos idos, quando mais gente habitava as aldeias e nelas (des)vivia a vida que lhe deram para viver. Ficaram lembranças e memórias que se contam... Um tempo que ainda corre devagar, como o fumo que se escoia, lento pela telha vã de algumas casas.

Povoações que, ainda há pouco, "mais do que um agrupamento de população", eram uma "forma de vida social a que dava coesão um passado comunitário", com hábitos que as sujeitavam a uma espécie de "disciplina colectiva". Um comunitarismo menos poético do que se quis fazer crer (como demonstram os trabalhos de Brian O'Neill).

Aí está o "tempo de viver" — para além do tempo "sociológico do trabalho" e do tempo "biológico do sono" —, com espaço para a pausa e o lúdico, o excesso e a "anomia", para as festividades e as manducações cerimoniais, para os convívios. Para as tradições e as credences (por vezes cruéis e desumanas). Ainda vai havendo homens e mulheres forjados na "civilização da oralidade", nessa civilização que vivia, essencialmente, do "ouvir dizer e do ver fazer..." Que contam histórias vagarosas de "era uma vez..." e dizem coisas que só podem ser conversadas entre amigos. Semeadores e encantadores de palavras, plantadores de lérias, transmissores de saberes... Seres culturais. Ontem como hoje.

★

Resta-nos fazer o caminho largo e luminoso das imagens. E decidir as emoções que vamos guardar. Estas fotografias de Georges Dussaud são escritos de luz sobre mundos que, por efeito desta alquimia (que é a fotografia), se tornam mágicos. As suas imagens são para hoje e para amanhã. O futuro voltará a elas, como se volta aos grandes textos.

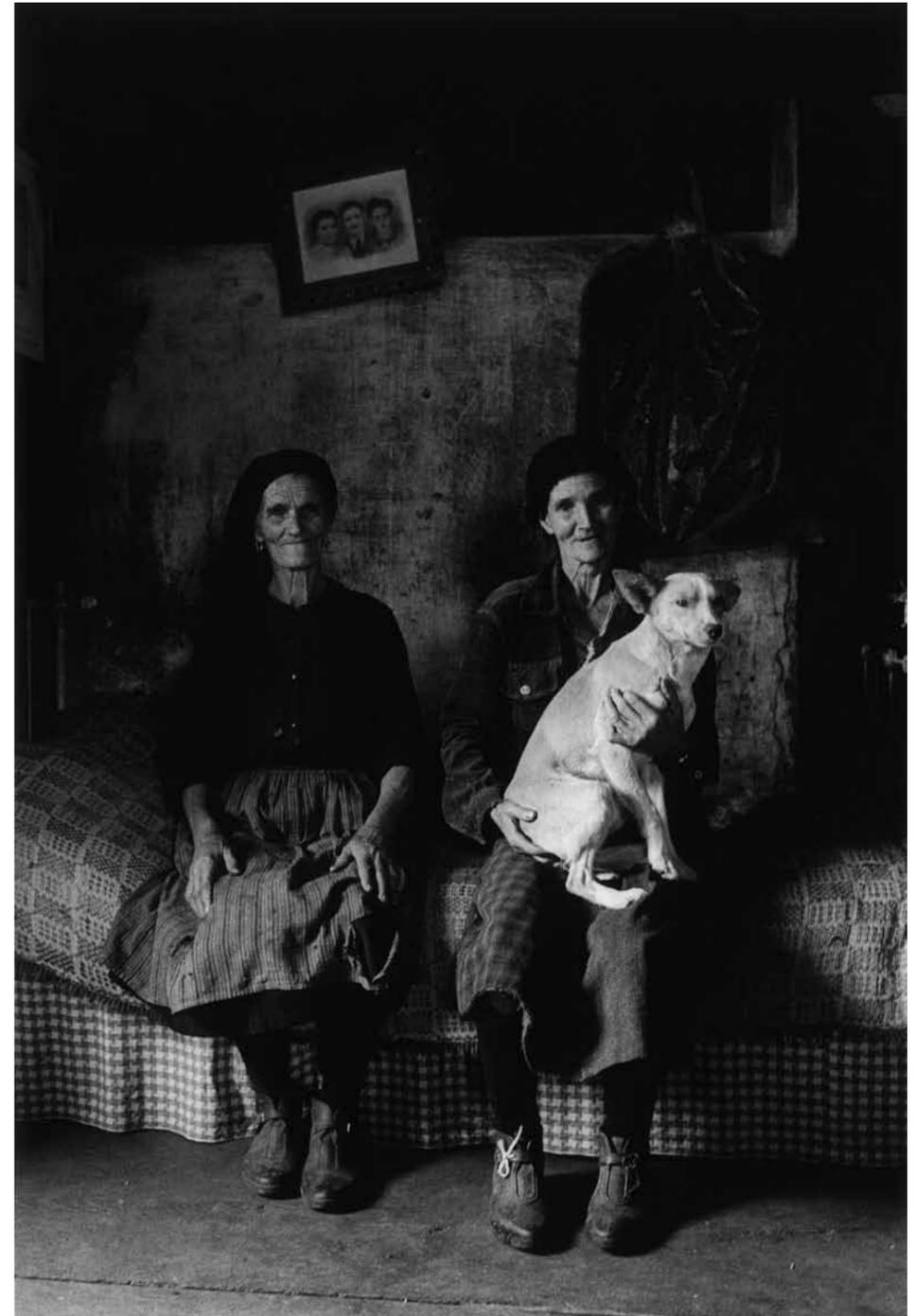
¹. É altura de dizer que há outros "trás-os montes". Gerrit Komrij, que se instalou em Trás-os-Montes para fugir da rotina de Amsterdão, viveu uma experiência que acabou por inspirar o irónico e perturbante *Atrás dos Montes* (1990).

AGRADECIDOS E RECONHECIDOS

Não podia terminar sem agradecer a Georges Dussaud que quis viver entre nós. Com a sua obra. Já lhe devíamos grandes imagens. Agora devemos-lhe este *Centro* que tanto nos prestigia. Tenho a certeza de que Bragança há-de saber honrar esta dádiva.

De Dussaud, da sua exigência e do seu rigor, da sua imaginação e criatividade, da sua arte e dos seus saberes, falam, melhor do que mil palavras, a excelência da produção fotográfica; as exposições realizadas, em reputadíssimas instituições; a qualidade artística e estética da sua bibliografia — alguns dos seus livros são em parceria com grandes prosadores e poetas; as "residências" que realizou em importantes cidades; as oficinas e *ateliers* que dirigiu... Falam os textos que sobre o homem-artista e as suas criações foram escritos. E agora vai falar este *Centro de Fotografia*. O roteiro cultural de Bragança — não é a cultura o melhor que as cidades têm para oferecer? — passa a integrar mais esta instituição... As cidades — tal como os indivíduos — são o que foram, são o que são, mas são, essencialmente, o que está para vir. E se elas são, porventura, cada vez mais iguais, é "o património histórico e a cultura que as distingue..." Ainda bem que, na cidade de Bragança, há responsáveis que assim o entendem. É que a cultura "não é um problema" — como se pretende fazer crer —, mas parte da solução da "requalificação das cidades". Antes de ter um valor estratégico, tem "um valor próprio".

COIMBRA, ABRIL DE 2013



Trás-os-Montes. Agrelas, Serra do Barroso, 1981

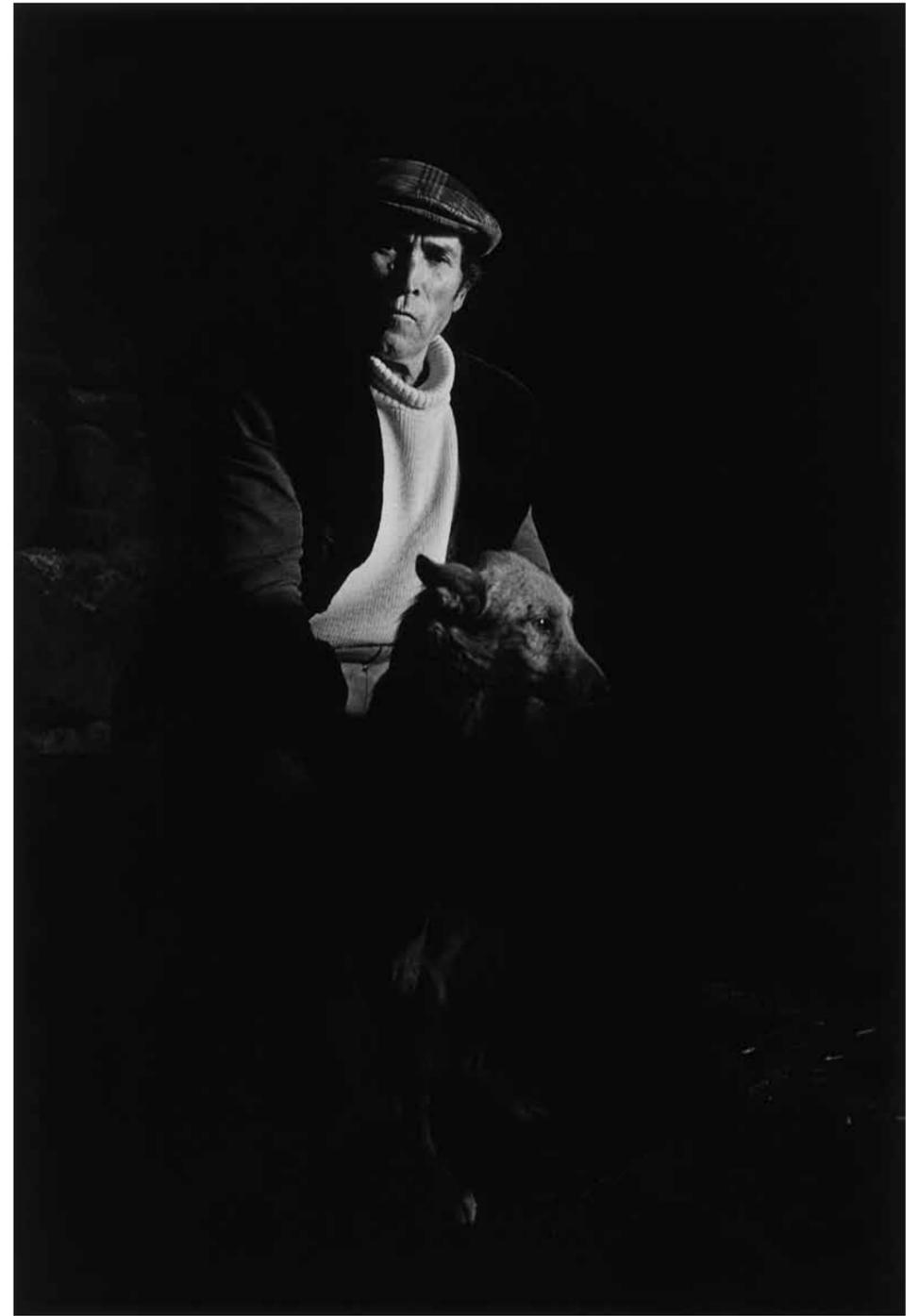


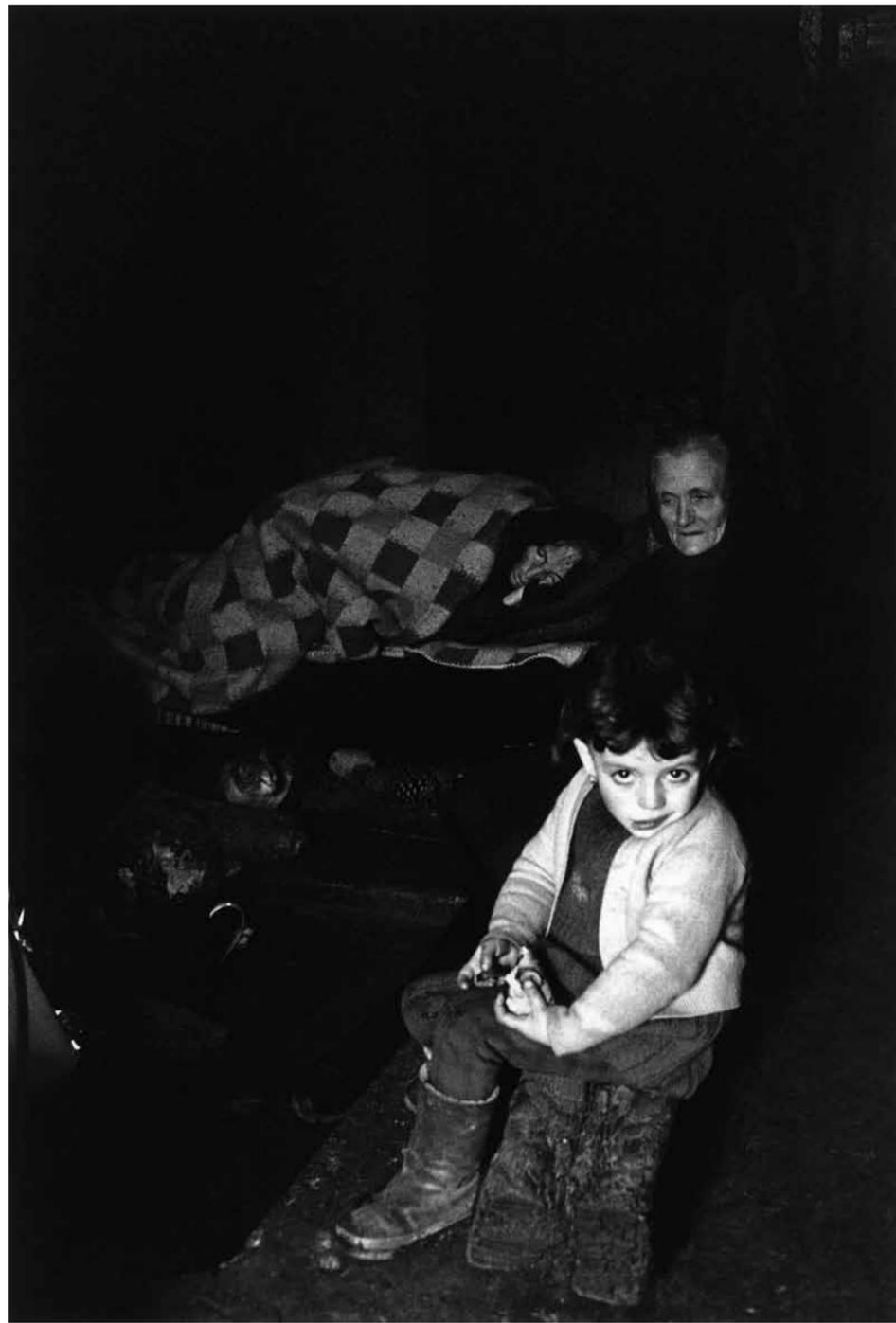
Trás-os-Montes. Montesiño, Serra de Montesiño, 1987
Trás-os-Montes. Morgade, Serra do Barroso, 1989

Trás-os-Montes. Alturas do Barroso, Serra do Barroso, 1985
Trás-os-Montes. Alturas do Barroso, Serra do Barroso, 1985



Trás-os-Montes. Vilarinho Seco, Serra do Barroso, 1991
Trás-os-Montes. Vilar de Perdizes, Serra do Larouco, 1985





Trás-os-Montes. Agrelas, Serra do Barroso, 1981
Trás-os-Montes. Frades, Serra do Larouco, 1982





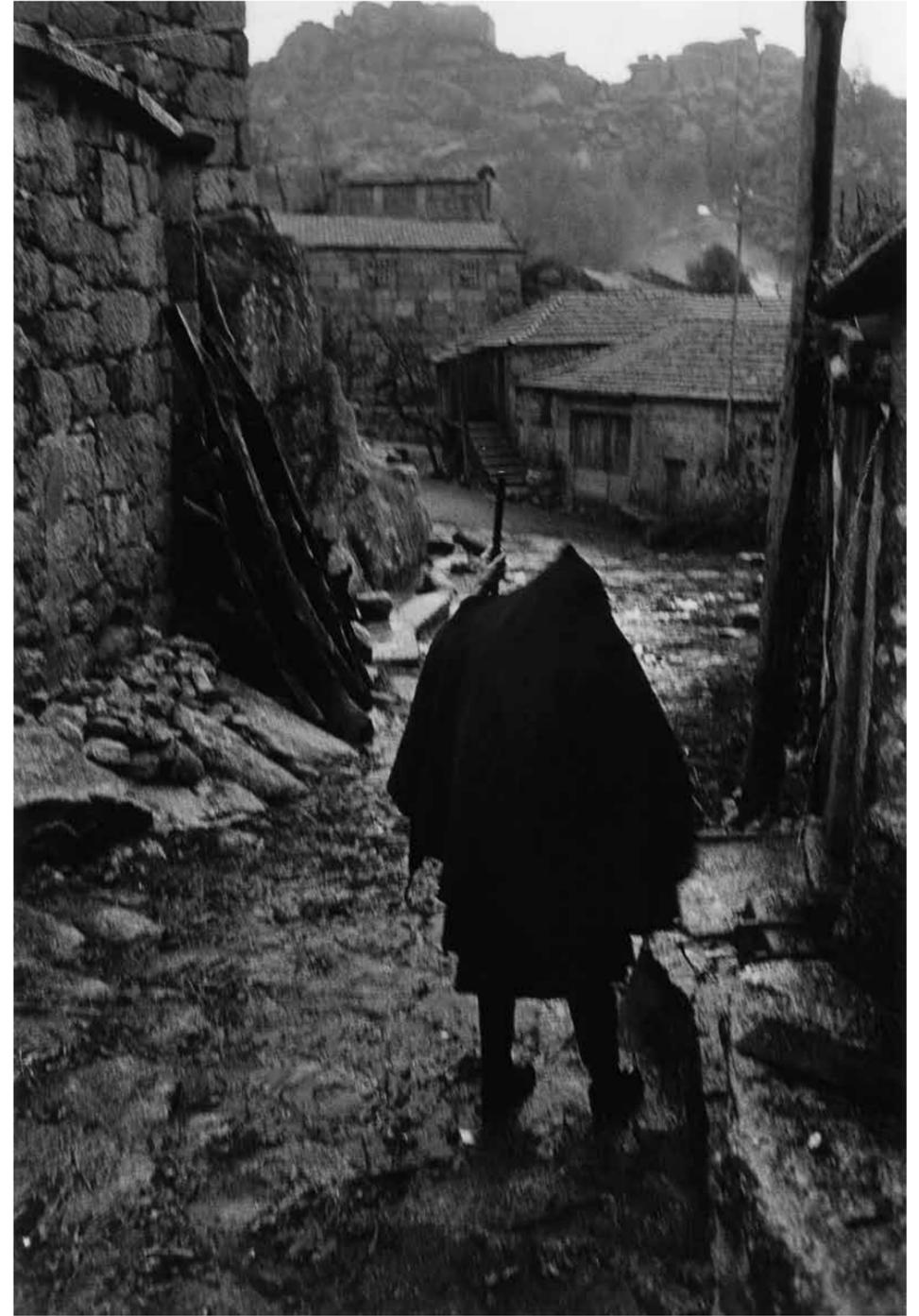
Trás-os-Montes. Agrelos, Serra do Barroso, 1981

Trás-os-Montes. Pitões das Júnias, Serra do Gerês, 2011



Trás-os-Montes. Pitões das Júnias, Serra do Barroso, 1985

Trás-os-Montes. Vilarinho Seco, Serra do Barroso, 1983



Trás-os-Montes. Telhado, Serra do Barroso, 1983
Trás-os-Montes. Negrões, Serra do Barroso, 1983
Trás-os-Montes. Sirvozelo, Serra do Gerês, 1983



Trás-os-Montes. Vilarinho Seco, Serra do Barroso, 1983



Trás-os-Montes. Pitões das Júnias, Serra do Gerês, 1992

Trás-os-Montes. Alturas do Barroso, Serra do Barroso, 1983



Trás-os-Montes. Negrões, Serra do Barroso, 1982
Trás-os-Montes. Gralhas, Serra do Larouco, 1991
Trás-os-Montes. Frades, Serra do Larouco, 1982
Trás-os-Montes. Tourem, Serra do Gerês, 1983



Trás-os-Montes, Meixide, Serra do Larouco, 1991

Trás-os-Montes, Cambelos do Rio, Serra do Larouco, 1991



Trás-os-Montes. Ousilhão, Serra da Nogueira, 1987
Trás-os-Montes. Alturas do Barroso, Serra do Barroso, 1983
Trás-os-Montes. Bustelo, 1984



Trás-os-Montes, Varge, Serra de Montezinho, 1987
Trás-os-Montes, Ousilhão, Serra da Nogueira, 198



Trás-os-Montes. Ousilhão, Serra da Nogueira, 1988

Trás-os-Montes. Ousilhão, Serra da Nogueira, 1988



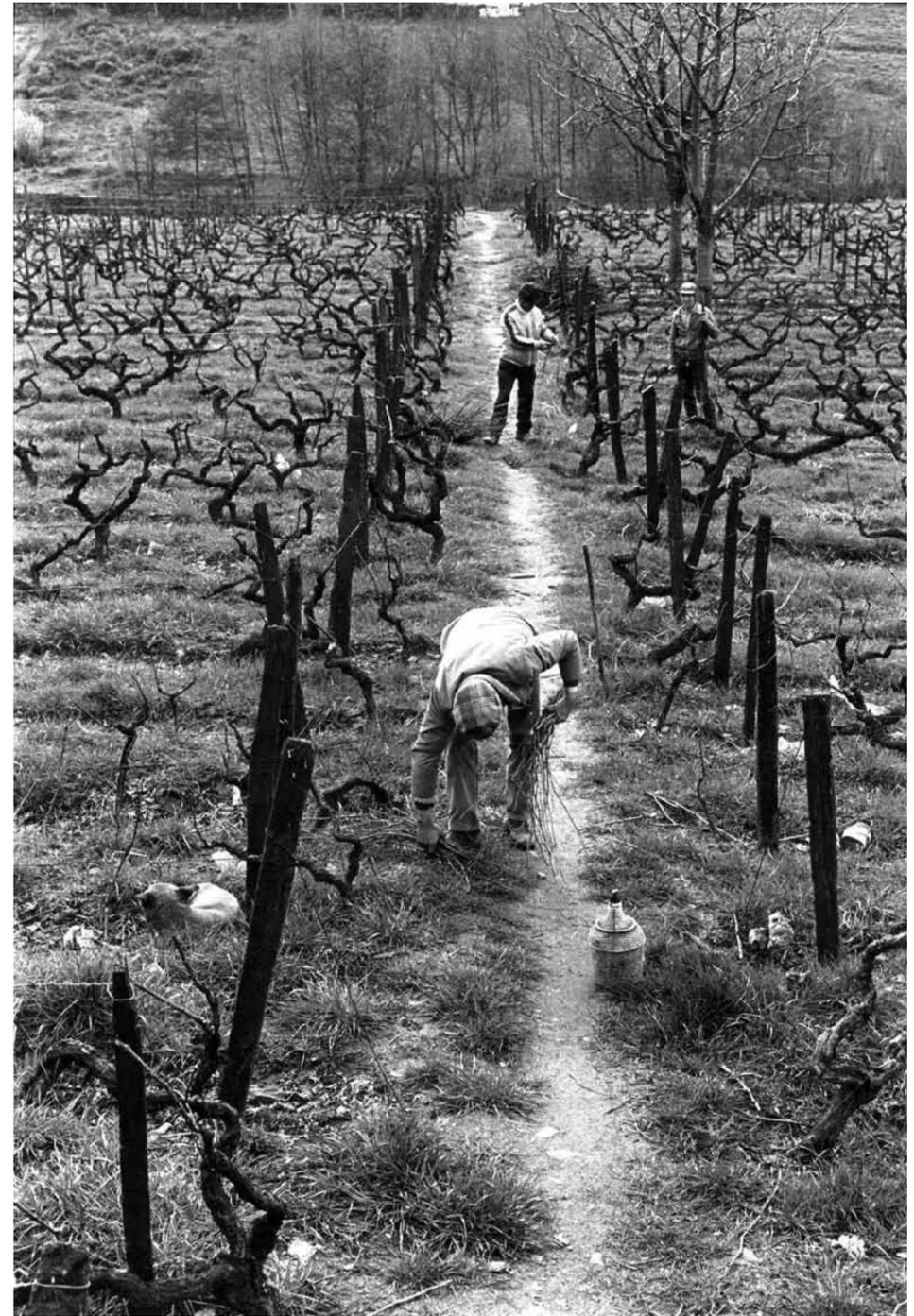
Trás-os-Montes, Rio de Onor, Serra de Montezinho, 1987



Trás-os-Montes, Bragança, 1987



Trás-os-Montes. Rio de Onor, Serra de Montinho, 1987



Régua, Baixo Corgo, 1987



Douro. Quinta do Porto, Alto Corgo, 1985
Sande, Baixo Corgo, 1989
Douro Superior. Quinta da Ervamoira, 1985
Quinta do Infantado, Alto Corgo, 1985



Miguel Torga, 1985
Quinta de Cimo de Sande, Baixo Corgo, 1988
Quinta de La Rosa, Alto Corgo, 1988
Quinta do Calém Alto, 1988



Douro. Quinta do Noval, Alto Corgo, 2004
Quinta de Cimo de Sande, 1985
Quinta do Noval, Alto Corgo, 1985



Alto Douro, Gare do Pinhão, 1985
Sande, Baixo Corgo, 1989



Trás-os-Montes. Grijó de Parada, Serra da Nogueira, 1987

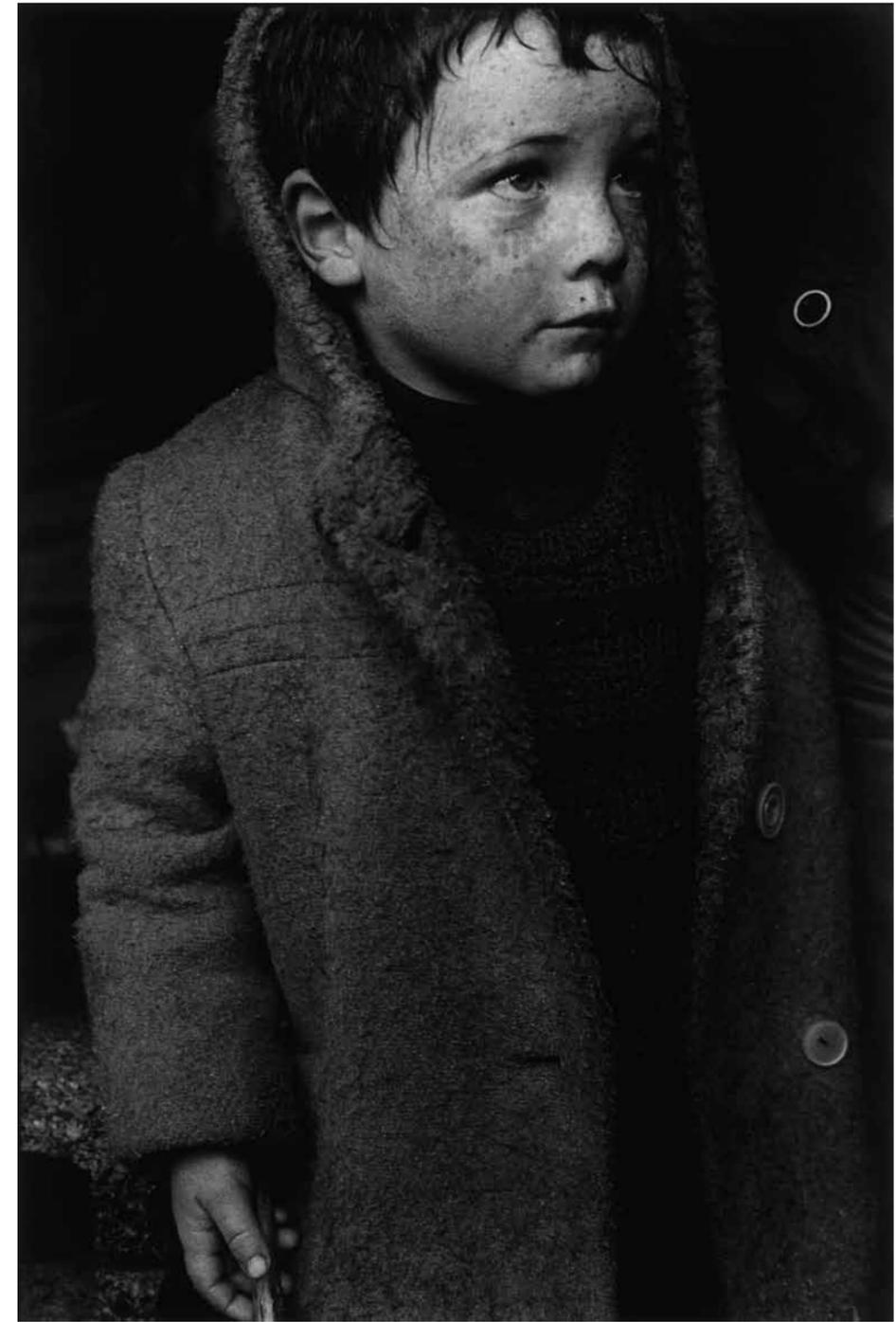


Trás-os-Montes. Grijó de Parada, Serra da Nogueira, 1987

Trás-os-Montes. Fafião, Serra do Gerês, 1991



Trás-os-Montes. Alturas do Barroso, Serra do Barroso, 1983



Trás-os-Montes. Alturas do Barroso, Serra do Barroso, 1982



Trás-os-Montes, Pitões das Júnias, Serra do Gerês, 1992



Trás-os-Montes, Pitões das Júnias, Serra do Gerês, 1990



Trás-os-Montes. Cabezas do Rio, Serra do Larouco, 1983
Trás-os-Montes. Alturas do Barroso, Serra do Barroso, 1985





Trás-os-Montes. Serra do Larouco, 1980

Trás-os-Montes. Telhado, Serra do Barroso, 1983





Trás-os-Montes. Frades, Serra do Larouco, 1981

Trás-os-Montes. Negrões, Serra do Barroso, 1982





Trás-os-Montes, Vilarinho Seco, Serra do Barroso, 1984



Trás-os-Montes, Telhado, Serra do Barroso, 1983



Trás-os-Montes. Telhado, Serra do Barroso, 1983

Trás-os-Montes. Serra da Coroa, 1980

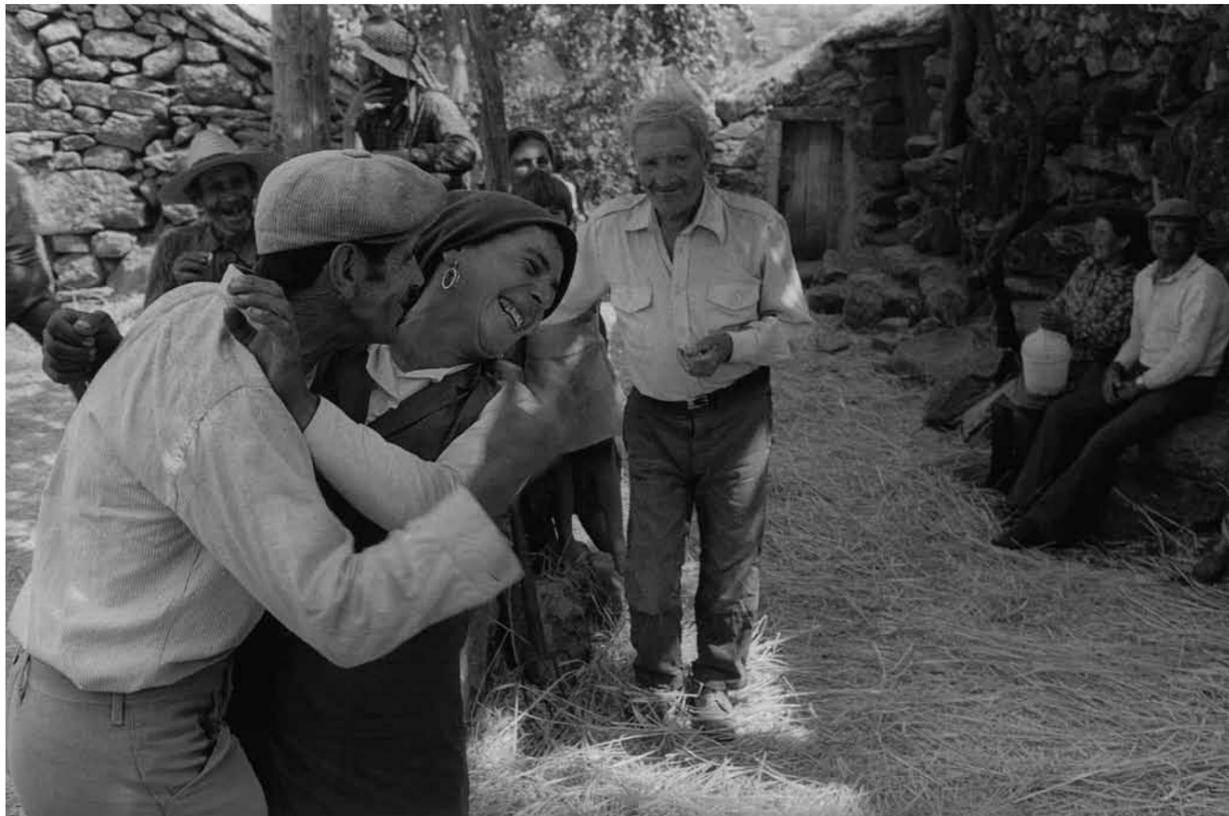


Trás-os-Montes, Vilarinho Seco, Serra do Barroso, 1983

Trás-os-Montes, Vilarinho Seco, Serra do Barroso, 1983



Trás-os-Montes. Lapela, Serra do Gerês, 1990



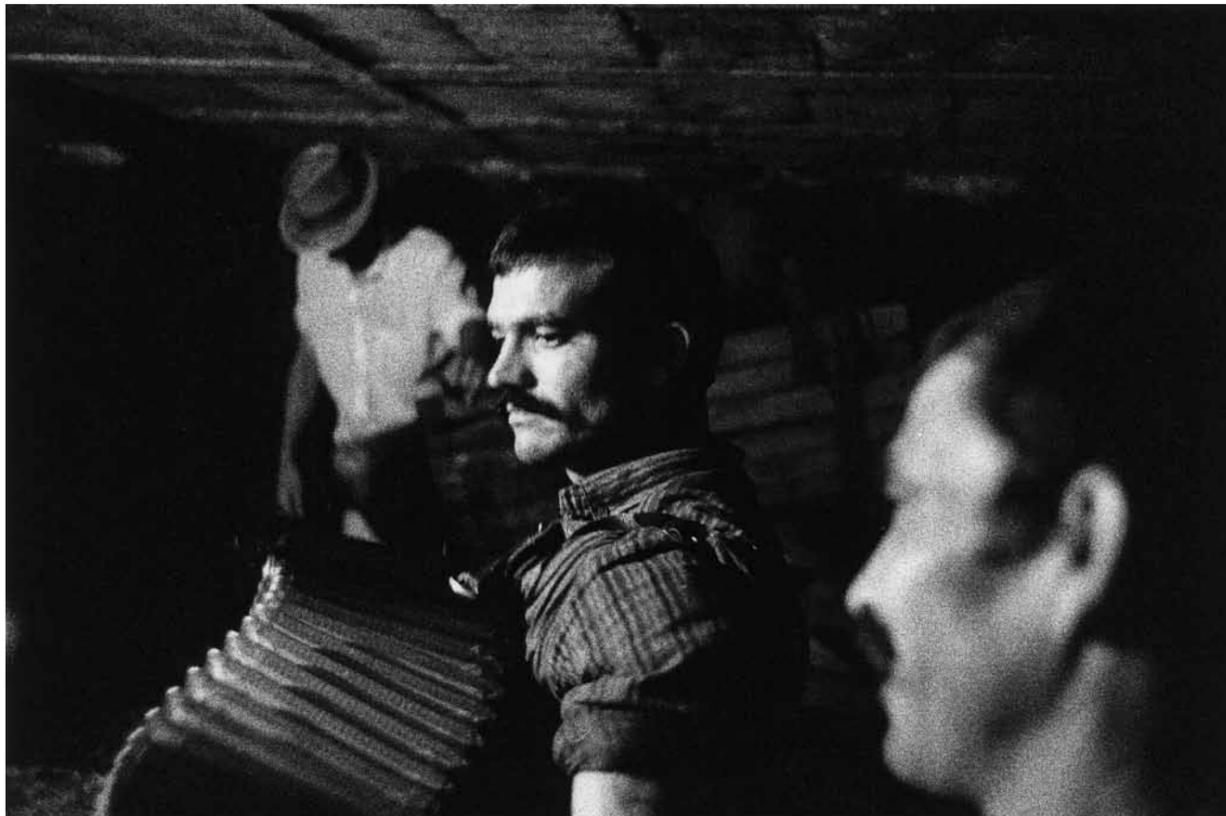
Trás-os-Montes. Lapela, Serra do Gerês, 1990
Trás-os-Montes. Agrelos, Serra do Barroso, 1981
Trás-os-Montes. Vilarinho Seco, Serra do Barroso, 1985
Trás-os-Montes. Lapela, Serra do Gerês, 1990



Trás-os-Montes, Vilarinho Seco, Serra do Barroso, 1986

Trás-os-Montes, Alturas do Barroso, Serra do Barroso, 1981





Trás-os-Montes. Telhado, Serra do Barroso, 1983
Trás-os-Montes. Fafião, Serra do Gerês, 1990
Trás-os-Montes. Lavradas, Serra do Barroso, 1995
Trás-os-Montes. Ousilhão, Serra da Nogueira, 1987



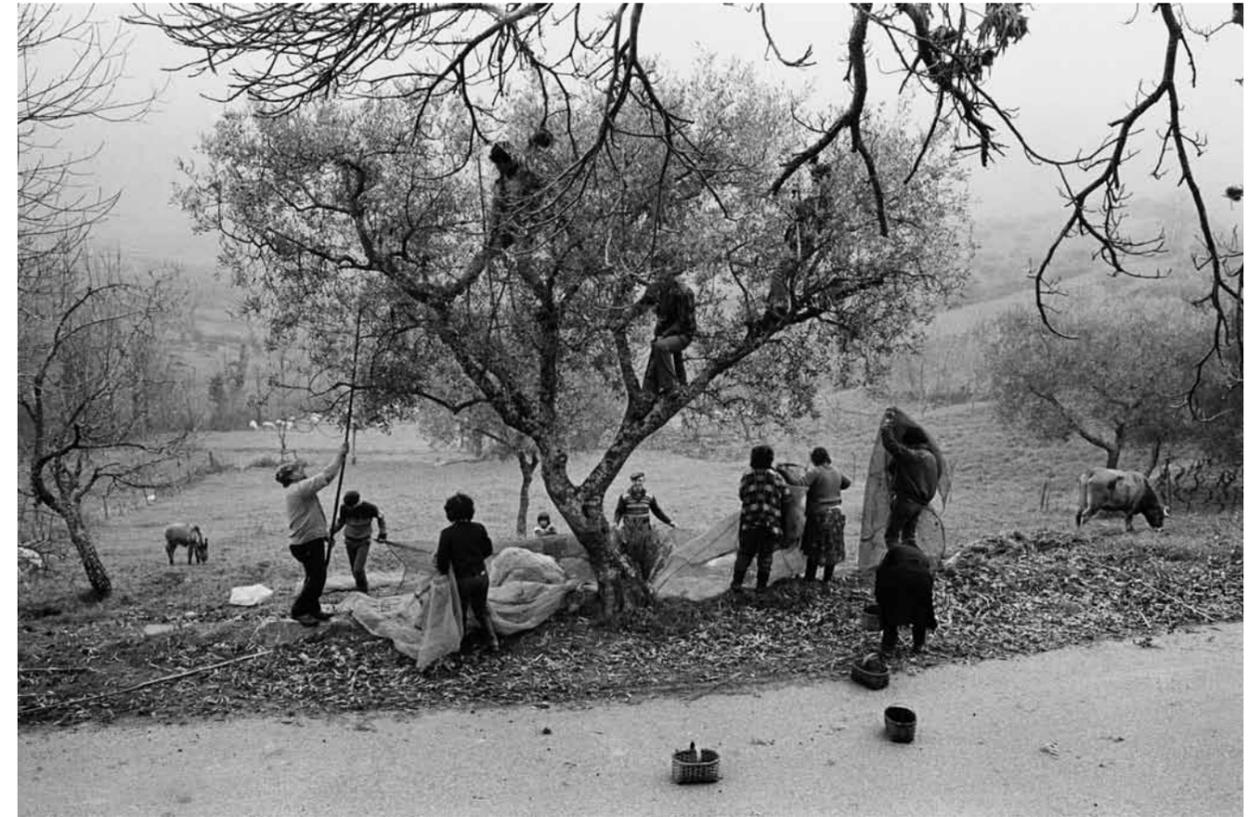
Trás-os-Montes, Negrões, Serra do Barroso, 1982



Trás-os-Montes, Negrões, Serra do Barroso, 1990



Trás-os-Montes. Negrões, Serra do Barroso, 1982
Trás-os-Montes. Negrões, Serra do Barroso, 1982
Trás-os-Montes. Serra do Gerês, 1992
Trás-os-Montes. Negrões, Serra do Barroso, 1992

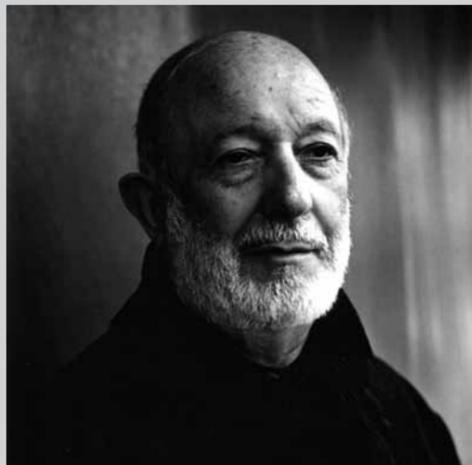


Trás-os-Montes. Vilarinho Seco, Serra do Barroso, 1994

Trás-os-Montes. Serra da Coroa, 1980



Trás-os-Montes. Lapela, Serra do Gerês, 1990
Trás-os-Montes. Lapela, Serra do Gerês, 1990



Nascido a 4 de março de 1934, em Brou (Eure et Loir) Vive e trabalha em Châteaugiron (Bretanha).

Fotografa a preto e branco.

Desde 1975, faz reportagens na Grécia, Portugal, Irlanda, Índia, Cuba, Grã-Bretanha ...

Em 1986, ingressou na agência Rapho (Paris).

Em 1989, finalista do prémio W. Eugene Smith — Nova Iorque.

Em 1990, o Ministério da Agricultura encomendou-lhe um trabalho sobre o mundo rural e de fronteira de Portugal para o projeto "Europa Rural em 1994".

Desde 2001, é representado pela galeria "ESTHER Woerdehoff", Paris.

Em 2002, realiza uma coleção de 50 fotografias sobre Lisboa, trabalho encomendado pelos arquivos fotográficos da cidade.

Em 2002 e 2003, produziu um trabalho sobre os trilhos aduaneiras, na Bretanha, para Edições Ouest-France.

Em 2005, o livro "Quase uma ilha — Trilhos de aduaneiros da Bretanha" — Edições Ouest-France — coleção do leitor do imaginário, recebe o "Prémio do melhor livro marítimo de 2005", no festival do livro e do Mar Concarneau.

Desde 2006, é conselheiro artístico para as exposições fotográficas apresentadas no site da prefeitura de Rennes.

Publicação do livro "Crónicas Portuguesas" pelas Edições Assírio & Alvim, em Lisboa.

O livro apresenta 135 fotografias da exposição retrospectiva, realizada em 2007, no Centro Português de Fotografia, no Porto.

Nos anos de 2007, 2008 e 2009, foi convidado pela cidade do Porto e pelo Departamento Cultural do Consulado da França para fazer um trabalho sobre a cidade. O trabalho é exibido no Centro Português de Fotografia, no Porto.

Em 2009, a convite do então Presidente da Câmara Municipal de Lisboa, realiza um grande trabalho fotográfico, com animação de workshops, com o título "Todos", para mostrar o lado positivo da emigração, na zona de Martim Moniz e muralha.

Em 2010, apresenta a exposição "Crónicas Portuguesas" no Consulado Geral de Portugal em Paris.

Em setembro / outubro de 2011 tem três exposições em Rennes, nas galerias Net Plus e Pictura: "Intuições Fotográficas", "O cheiro da Índia" e "Crónicas Portuguesas".

Em fevereiro e março 2012, exposição "Crónicas Portuguesas", em Nantes, no Centro Cultural Europeu, Espaço Cosmopolis.

Exposição para o Centro de Criação Artística de Bazouges La Pérouse. Um total de 45 retratos de pessoas da comunidade. Todas as imagens,

em formato gigante, foram exibidas nas paredes das nove igrejas dessa comunidade.

Em setembro de 2012 exposição "Douro de Georges Dussaud", no Museu de Lamego.

Em 2013 apresenta a exposição "Douro de Georges Dussaud", no Museu do Douro.

Em 2013, no dia 25 de abril, é inaugurado, em Bragança, o Centro de Fotografia Georges Dussaud.

Representado em grandes coleções portuguesas e francesas.

Exposições em cidades de Portugal, Brasil, Irlanda, México e Itália.

Autor de 16 monografias.

CATÁLOGO**TÍTULO**

GEORGES DUSSAUD

EDIÇÃO

CÂMARA MUNICIPAL DE BRAGANÇA

TEXTOS

ANTÓNIO JORGE NUNES
CHRISTINE DUSSAUD
M. TERESA SIZA
JOSÉ RODRIGUES MONTEIRO
JORGE DA COSTA

REVISÃO

JOSÉ RODRIGUES MONTEIRO
JORGE DA COSTA

DESIGN

©RUI MENDONÇA
COLABORAÇÃO
MÁRCIO SÁ
MARCOS COSTA

FOTOGRAFIA

GEORGES DUSSAUD

AGRADECIMENTOS

GEORGES DUSSAUD
CHRISTINE DUSSAUD
MARCOS COSTA
M. TEREZA SIZA
ANTÓNIO JOSÉ MONTEIRO

IMPRESSÃO

.....

TIRAGEM

500

ISBN

978-989-8344-24-3

DEPÓSITO LEGAL

.....

EXPOSIÇÃO**TÍTULO**

GEORGES DUSSAUD

PRODUÇÃO

CÂMARA MUNICIPAL DE BRAGANÇA
CENTRO DE FOTOGRAFIA GEORGES DUSSAUD

COMISSARIADO

JORGE DA COSTA

MONTAGEM

PAULO FERREIRA
PAULO SOUSA PIRES

DATA

25 ABRIL DE 2013

LOCAL

CENTRO DE FOTOGRAFIA GEORGES DUSSAUD

